

# TEMPO LIVRE

A Biblioteca Pública de  
Braga

17  
ABRIL  
1971

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: Antonio Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

## PSEUDÓNIMOS...

Apareceu já um responsável pelas bombas de relógio que na base aérea de Tancos destruíram uns quantos helicópteros e dois ou três aviões de treino: os escritórios em Lisboa das agências internacionais receberam ontem pelo correio um «comunicado especial» assinado pela «Ara» (Acção Revolucionária Armada) e em que esta se declara organizadora e autora do acto de sabotagem em larga escala, levada a efeito naquela base.

Mas que é, afinal, a «Ara»? um agrupamento terrorista de tendência mais ou menos maoista, mais ou menos anarquista? É possível. Uma dissidência «activista» do velho e desde sempre clandestino Partido Comunista Português? É provável, ou simplesmente um pseudónimo do próprio Partido Comunista? Ou ainda o pseudónimo (para uso na metrópole) de algum dos movimentos africanos antiportugueses, o PAIGE, o MPLA, a Frelimo, o Coremo? Tudo é de admitir. Na realidade porém, seja isto ou seja aquilo, esteja aparentada com este movimento ou com aquele partido, receba as instruções (e

os explosivos) de Pequim, via Argel, ou de Moscovo, via Cuba, o que a «Ara» significa, todos perfeitamente o sabemos — é a subversão.

Diz o «comunicado especial» da «Ara» que o atentado cometido em Tancos teve por objectivo «enfraquecer a máquina militar da guerra colonial». Com o que se pretende talvez fazer crer que, se Portugal tivesse abandonado Angola em 1961, a Guiné em 1963 e Moçambique em 1964, não existiria hoje uma «Ara» e não haveria, entre o minho e o Guadiana,

nem bombas a explodir, nem contestatários em acção.

Se outra houvesse sido a política portuguesa na África, os chineses, provavelmente, estariam em Lourenço Marques para onde teriam vindo de Dar-es-Salam; e os russos (ou os chineses) em Luanda, procedentes de Brazzaville; e os chineses (ou os russos) em Bissau, vindos de Conakry. Haveria, na África, hoje, mais três focos de sangrentos conflitos tribais. O Atlântico Sul estaria à mercê dos submarinos soviéticos. (Continua na 4.ª página)

## Sobre a revisão constitucional

Acaba de ser dado público conhecimento dos pareceres da Câmara Corporativa sobre a proposta de lei apresentada pelo Governo e sobre os projectos de lei referentes ao mesmo assunto apresentados por alguns deputados. A sua aprovação na generalidade foi o resultado dos estudos efectuados.

Entre as alterações, destacam-se as que respeitam aos direitos, liberdades e garan-

tias individuais, ao estatuto dos Brasileiros em Portugal, à competência reservada à Assembleia Nacional com destaque para o facto de se fazer constituir reserva praticamente absoluta da lei a criação de impostos, ao chamado «direito de ne essidade do Estado» à defesa da constituição e, por último, à situação constitucional das províncias ultramarinas.

Trata-se de inovações, certamente como frisa o parecer, mas não de algo que, de alguma maneira e sob qualquer aspecto, constitua uma destruição da Constituição plebiscitada em 1933 e uma solicitação ou apelo a que a Assembleia Nacional, na presente oportunidade, subverta as bases constitucionais do Estado Português ou altere o seu regime. Trata-se, afinal, de algo cuja aprovação deixará intacta a lei fundamental, no que ela tem de mais característico e identificador.

Na verdade, a proposta de lei do Governo não importa nenhuma quebra no regime constitucional estabelecido e nas instituições ideadas, vão decorridos quase quarenta anos, e à sombra das quais o País tem vivido em paz social, em ordem, e tem percorrido os caminhos do seu desenvolvimento, preservando os valores considerados fundamentais da civilização cristã ocidental. Exactamente por isso a esse regime o proposta obedece, mantendo-o. Há, portanto, continuidade,

(Continua na 4.ª página)

## Em redor de um menino

### que é afilhado de Portugal

Uma bela história de amor e de ternura chamou Urbano Carrasco à reportagem que trouxe agora do Norte da Itália para as páginas do vespertino lisboeta «Diário Popular». Bela e rara, acrescentaremos nós, pois nem todos os dias se encontra uma criança que tem o país por padrinho e um padrinho que delega num jornal os seus poderes.

«Sou um professor italiano enamorado de Portugal» — assim começava a carta de Franco Sasso, enviada à semana da remota aldeia piemontesa de Lamporo á direcção daquele vespertino. Que queria Franco? Queria contar que já passara por cinco vezes as férias em Portugal, quer na Europa, quer em Moçambique; que da última vez estivera no Estoril, com sua mulher Ana Maria e que no Estoril fora concebido o primeiro filho do casal; que o filho nascera agora e que ele desejava dar-lhe por padrinho não uma pessoa mas um povo — todo o povo português. Consagraria, assim, a sua grande admiração por esse povo e, tendo que escolher alguém para representar o povo português, elegera para o efeito um dos jornais de que era leitor em Lisboa, precisamente o «Diário Popular»; aceitará o jornal o seu convite?

O jornal aceitou a insólita incumbência. O seu director,

dr. Martinho Nobre de Melo voltou a exercer funções de embaixador de Portugal, desta vez não junto de qualquer Governo estrangeiro mas sim no lar do casal Sasso, levando à pia batismal, em Quinta-Feira Santa, o pequeno Carlos Manuel, depois de lhe haver posto ao pescoço a mais portuguesa de todas as rendas. (Continua na 4.ª página)

## 5.ª COLUNA

Tenho, para mim, que Portugal hoje é o país mais democrático do mundo. Explíco-me, leitor.

Todos os meses, para não dizer todas as semanas, as agências noticiosas vêm dizer-nos que em determinada nação uma conspirata de oficialidade militar impôs a saída ou a abjuração do presidente da República, eleito — segundo o que se lê — pelos povos.

Ainda agora, recentemente, em Ceilão tal aconteceu, sem que possa prever-se esta eclosão senão, naturalmente, dos que perderam as eleições há cerca de um ano, a favor da sra. Sirivano Bandaranaike, primeiro ministro na emergência. Mas o que se deu em Ceilão está a processar-se nos países que se dizem democráticos e demons-

(Continua na 4.ª página)

## A outra face de

### Cristo na Sua Igreja

O concílio Vaticano II veio consciencializar a igreja católica de várias anormalidades cometidas através da História.

Semeou, é certo, muitas contestações em várias gamas do saber humano, mas trouxe ao de cima um diálogo consciente, sincero e franco entre os homens, pondo-os na mesma linha horizontal. É que muito embora tenhamos a nossa opinião, neste apa-

rente pluralismo, poderemos convergir para a unidade.

Assim o concílio veio aproximar as várias confissões cristãs, para, pondo de parte quaisquer ressentimentos passados, estudarem o caminho para a unidade.

Tal contestação subiu ao trono do príncipe para provocar o diálogo entre governo e governados, dirigiu-se ao ramo industrial para esta-

(Continua na 4.ª página)

## Mini-Gazeta

Uma coelha, em Barcelos,  
Deu à luz e faleceu.  
Depois disto aconteceu  
Que a sua dona deu  
C' os filhotes, quais bacelos!

Vai daí, com biberão,  
Deu-lhes da vaca o seu leite  
E viu, sem qualquer enfeite,  
Os «miudos», com leite,  
A tomar a refeição! ..

Por mim fico-me a pensar  
No futuro desta raça:  
Quando os coelhos na praça,  
Alguém vá na carapaça.  
Destes animais comprar.

Enquanto estiverem mornos,  
A coisa segue, direita,  
Mas depois d' idade feita,  
Aí surge outra maleita:  
— Nascem coelhos com cornos?...

DAVUS

# Notícias do Canadá

## «Retalhos de História»

«Dois ilustres canadianos, conhecidos como os Pais da Confederação, foram assassinados e os culpados enforcados publicamente. D'ary Mcgee foi morto no dia 7 de Abril de 1868 a tiro, enquanto se dirigia para casa. Morava, então, na Sparks Street, em Ottawa, rua hoje desaparecida. James Patrick Whelan, foi julgado e condenado um ano mais tarde e enforcado em praça pública, um dos últimos enforcamentos públicos levados a cabo no Canadá.

George Brown, que era a principal figura da conhecida «história de ontem», foi outro Pai da Confederação a ser assassinado. Era, também, director do famoso jornal canadiano «The Toronto Globe» e foi abatido a tiro por George Bennett, um pintor pouco conhecido que entrou no escritório da vítima no dia 25 de Março de 1880 e puxou pelo gatilho, impiedosamente. Contudo, apesar dos ferimentos, não morreu de imediato; internado no hospital, veio a sucumbir no dia 10 de Maio do mesmo ano.

Brown estava afastado da política havia 7 anos. Havia sido nomeado para o Senado em 1873 quando os liberais, comandados por Alexander Mackenzie, assumiram o governo do Canadá pela primeira vez, em virtude do escândalo verificado na Pacific Railways Company que forçou o governo de Sir John A. Macdonalds a renunciar. Porém Brown, mais jornalista do que político, pouco interesse tinha pelo Senado, antes preferindo escrever para o jornal.

Por força do destino, no dia em que Brown foi ferido, Sir John Macdonald's, seu rival político, anunciava publicamente o desejo de se retirar da vida política. Durante a missa celebrada no dia 21 de Março, a que assistia, caiu inconsciente na Igreja e teve que ser lavado para a sua residência, Stada Hall, em Ottawa, onde permaneceu acamado por muito tempo.

Com efeito, reuniu em torno da cama os membros do seu gabinete e comunicou-lhes a decisão de abandonar a vida pública; estes, contudo, suplicaram-lhe que

continuasse. Prometeram-lhe ajudá-lo melhor e, depois de refletir maduramente, Sir John Macdonald's resolveu continuar. Foi Primeiro Ministro por mais 11 anos.

Mais tarde, quando os caçadores de Búfalos descobriram um rio nos territórios do Yukon e do Northwest Territories-vizinhos de potta do Alaska; O Senado resolveu dar-lhe o nome de Mackenzie em homenagem ao famoso Primeiro Ministro. Hoje o rio em questão é o maior rio do Canadá».

\* \* \*

Em flagrante contraste, quero associar-me a quantos, mergulhados de dor, choram a morte do Alferes-Piloto Instrutor João Manuel do Rocha Marques, trágicamente desaparecido.

Que Deus todo Poderoso lhe reserve um lugar de honra no seio da família Divina.

José Tavares

## TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviar as suas notícias e artigos



## campeão nas curas campeão nas vendas

Campeão nas curas...

e com razão: o Antracol, bem aplicado, forma uma barreira defensiva que o mildio não consegue atravessar. Por outro lado, o Antracol mantém-se activo durante um período que nenhum fungicida orgânico supera.

Assim, não admira que o Antracol seja também campeão nas vendas.

Os lavradores preferem-no, da primeira à última cura, pois, além da sua poderosa acção fungicida e da sua persistência inultrapassada, não ocasiona efeitos fitotóxicos e é, provadamente, um dos fungicidas mais económicos do mercado. Antracol não tem superior. Antracol é um produto Bayer.



# Antracol

não chega para as encomendas

ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO

# RICO É POBRE

(Continuado do número anterior)

—Como quiseres.

—Cearemos em casa do Farrugia, no Arminho. Depois veremos o que se há de fazer. Agora vamos jogar uma partida de bilhar.

—Esqueces que ainda ontem à noite morreu meu tio?

—Por isso mesmo te convém distrair. Além disso, quem te conhece aqui?

Lúis, que desejava esquecer, acedeu aos desejos do seu amigo.

## CAPÍTULO XXXIII

### ROSA ENCONTRA-SE EM UMA SITUAÇÃO DIFÍCIL

Os nossos leitores devem estar lembrados da batalha doméstica que Fernando teve com Sebastiana e por isso não se admiraram que Rosa recebesse uma carta pela posta interna, concebida nestes termos:

«Querida Rosa: Depois da cena que ontem à noite teve lugar em tua casa, não posso ir ver-te sem grave perigo de atirar com essa velha que te serve de mãe pela janela fora. Conheces-me bem e deves evitar um escândalo que pode trazer-nos a todos fatais consequências.

«Assim pois, suplico-te que venhas almoçar comigo; temos muito que falar. O tio de Luís morreu a noite passada. Espero-te à esquina da rua da Bola. Iremos almoçar a qualquer parte, aonde tu entenderes. Torno a repetir-te que não faltes; o interesse é tanto para ti como para mim.

«Sempre teu—Fernando.

Rosa leu a carta e alegrou-se muito que Fernando, em lugar de ir à sua casa, lhe pedisse aquela entrevista, pois deste modo evitaria um escândalo.

—Vestiu-se modestamente, e saiu de casa sem a companhia da sua mãe adoptiva.

Rosa chegou ao ponto determinado e viu um coche parado a cuja portinhola estava Fernando, que pela sua parte, apesar do véu

que a andaluzia trazia, reconheceu imediatamente a sua amante.

—Aonde queres que almoçemos?—perguntou Fernando precipitadamente.

—Aonde queiras—replicou Rosa.

—Então, iremos à venda do tio Ventura.

E Fernando dirigindo a palavra ao cocheiro, ajuntou:

—Para onde eu te disse.

O carro tomou o caminho das Vendas de Alcorcon.

—Parece-me muito longe esse sítio—disse Rosa acomodando-se dentro do carro.

—Estaremos de volta às três da tarde.

—E se Luís vai a casa?

—Não vai. Já te mandei dizer que lhe morreu o tio.

—Porém diz-me: a morte desse pobre velho poderá causar algum mal a Luís?—perguntou Rosa, ocultando mal a inquietação que sentia.

—Precisamente por isso te escrevi a carta em que te pedia que me concedesses esta entrevista. Temos muito que falar. Porém tranquiliza-te; de tudo que possa suceder, tu não tens a culpa, nem corres perigo nenhum.

—Então Luís corre perigo?

—Ele e eu também.

—Tu? Por Deus, explica-te.

—Não quero que percas a vontade de comer. Já sabes que o tio Ventura tem umas frutas e umas perdizes de escabeche capazes de ressuscitar um morto. Proibo-te, pois, que te entristeças antes do tempo.

—Bem, bem; como queiras,—assentiu Rosa, que não tinha outra vontade que a do seu amante.

O carro chegou à uma em ponto à célebre venda apesar da grande subida ou encosta que principia na ponte de Segovia.

O tio Ventura já não existe, apesar de todos os seus fregueses o julgarem imortal; pois com cento e dezoito anos de idade andava fresco como uma romã, forte como um roble e ágil como um rapaz.

Ah! Quantas vezes me detive cansado e cheio de fome com a espingarda au ombro e o cão atrás de mim na venda do tio Ventura, com o mesmo praz que o cansado árabe tem ao encontrar um oásis no deserto!

E ali, diante dos bem condimentados manjares que servia o tio Ventura, com o auxílio das suas bisnetas, respirando o puro ambiente do campo, longe da fermentada Madrid, julguei vendo aquele ancião que tinha conseguido a máxima perfeição no escabeche, que ele tinha

(Continua no próximo número)

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

Braga acaba de sentir, mais uma vez os efeitos benéficos da Fundação Gulbenkian. O senhor Presidente da República veio a essa maravilhosa cidade inaugurar o Conservatório Regional fazendo parte da sua comitiva o senhor doutor Azevedo Perdígão, administrador da fabulosa fortuna do grande benemérito que escolheu Portugal como ponto irradiador das suas benemerências que atingem vários países que, como o nosso, não podiam incrementar a cultura e a benemerência com tanta vastidão pelo dispêndio exigido. São três milhões de contos distribuídos anualmente, importância essa talvez correspondente aos rendimentos do maior filantropo do mundo. O Conservatório Regional de Braga custou vinte e três mil contos e o de Aveiro, inaugurado antes, não devia custar menos. O gesto do senhor Gulbenkian não tem discussão possível nem termos apreciativos que o possam definir. Viveu para amar a Deus e para salvar a humanidade dos sofrimentos físicos e espirituais a que estaria condenada pelo abandono devotado por muitos países ricos a sonhar com a lua e com as lutas políticas travadas por esse mundo a exterminar povos que não podem fugir nem desobedecer aos caprichos da ferocidade ideológica, ficando tudo em farraços. Neste recanto lusitano não tem faltado o bom senso e foi essa disciplina política que devia ter seduzido o judeu amigo que quis viver tranquilo os últimos dias da sua vida para reflectir e deixar a sua fortuna entregue a quem desse integral satisfação aos seus desejos, como tem acontecido e acontecerá.

Estão de parabéns os apaixonados pela música por que tem em Braga uma escola de aperfeiçoamento que os pode conduzir aos pontos mais elevados da misteriosa ciência que imortalizou Chopin, Wagner e Gounod, testador de uma Avé Maria que faz estremecer o Céu.

Já vos disse que o saneamento começou no largo Dr. Salazar, que os novos bancos em madeira e a pintura dos postes de iluminação pública estão a dar ao formoso largo melhor aspecto para receber os milhares de forasteiros que se esperam por ocasião das festas a S.º António em Junho próximo e se abrir a fronteira com a Espanha na serra do Gerês então as coisas tomam outras proporções e até exigirão a construção de um hotel para passar uma noite a contemplar a profusa iluminação e ver alguns res-

tos de monumentos por aqui espalhados a atestar a grandeza do concelho de Amares e a preferência que lhe deram os nossos nobres antepassados. A Galiza é muito populosa e o povo espanhol bastante curioso para que nos imponham a obrigação de os estimar e prender com atractivos que lhe retribuirmos com o mesmo entusiasmo. As famosas termas do Gerês se não fosse o seu valor medicinal e os encantos da serra de onde brotam essas maravilhosas linfas, limitam-se ao que tem sido, sem vida, sem movimento e sem progresso. A Portela do Homem aberta ao tráfego internacional rasgará novos horizontes a esta linda e rica zona rematada pela cidade de Braga conhecida e admirada já por milhões de pessoas, que repetem a visita, tais são os enlevos que suggestionam o residente e o visitante.

A respeito dos morangos do Algarve, cuja cultura atinge milhares de hectares de terra explorada por técnicos nacionais e estrangeiros associados, que dará ao país a entrada de trezentos mil contos por ser esse o valor do contrato do fornecimento para a Inglaterra, parece estar tudo resolvido e as embalagens exigidas pelos importadores com os quais a I. N. F. não concordava, ficaram a ser permitidas graças à intervenção do professor Marcelo Caetano para quem recorreram os interessados. Ainda bem que o talentoso Chefe do Governo resolveu todas as dificuldades assim como esclareceu o país, no Palácio de Cristal no Porto, que para ele não existem «Direitos» nem «Esquerdos» mas que todas as ideias lhe servem se servirem o país e a felicidade de todos os portugueses. Agora os políticos ficaram a conhecer melhor o grande português.

Não posso dar hoje notícia sobre a festa da Páscoa em Carracedo abrilhantada pela Banda Musical de Amares. O que posso dizer é que o progresso dessa terra não pára com as injeções do industrial sr. Eusébio Exposto e até o Veloso com casa especializada em petiscos melhorou o seu estabelecimento televisionado que apetece, pelo ambiente de educação e higiene, passar umas horas de alegria.

Elísio Gonçalves

Visado pela Censura

## Vida elegante

### Aniversários

#### Fazem anos:

Amanhã, o sr. Gualdino Ramos.

No dia 19, o sr. D. Nuno Luiz de Carvalho Daun e Lorena.

No dia 20, o sr. Francisco Machado Duarte.

No dia 21, o sr. José Manuel Barbosa de Macedo.

No dia 22, o sr. José António de Sousa Arantes Menezes.

No dia 23, o sr. Duarte Fernandes Maia.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades e faz votos de longa vida.

### Aniversário

Hoje dia 17, festeja mais um aniversário natalício o nosso assinante e amigo sr. Carlos Antunes Rosadas, proprietário da freguesia de Carracedo, deste concelho.



Por tão faustosa data, Tribuna Livre cumprimenta-o efusivamente desejando-lhe que esta se repita por anos sem fim e muitos felizes junto de sua querida esposa e demais familiares. Parabéns.

### TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

## Em redor de um menino

### que é afilhado de Portugal

(Continuado da 1.ª página)

das de baptisado: um cordão de ouro com a medalha de Santo António de Lisboa.

Foi esta a bela história que Urbano Carrasco contou aos seus leitores, com larga soma de pormenores, todos eles a realçarem o vivíssimo afecto e a profunda admiração que Franco Sasso nutre pela terra e pelo povo de Portugal, verdadeiro amor espontâneo e desinteressado, porquanto ele não tem Portugal nem parentes, nem negócios, nem interesses de espécie alguma; como o todo verdadeiro amor, este possui razões que a Razão desconhece.

Uma pequena sombra em tão claro quadro: Franco já não é professor; deixou Turim, onde leccionava, e foi estabelecer-se na ignorada aldeia onde o filho acaba de ser baptisado e onde ele se entrega às práticas de pequeno proprietário rural, designadamente à exploração da pecuária. Para este exílio — que, aliás, parece não o ter prejudicado do ponto de vista financeiro, pois também na Itália é modesta a remuneração de quem ensina — talvez tenha contribuído a repressão que publicamente lhe foi dada pelo director da Escola; e falta só acrescentar que o único motivo dessa repressão foi o facto do professor Franco Sasso ter querido revelar aos seus alunos a verdade acerca de Portugal e dos portugueses, ter-lhes explicado, por exemplo, segundo o seu próprio testemunho, que não há vestígio de discriminação racial em nenhuma província ultramarina e que são falsas — falsas como Judas — a maioria das notícias

que sobre Portugal se publicam ou se transmitem em certos jornais da Itália, em vários programas da rádio e na Televisão Italiana.

Ficamos assim a saber — com pena, com repulsa, com náusea — que pode haver autoridades escolares na democrática Itália para as quais é um delito ensinar às crianças a verdade. Há realmente na Itália, como em qualquer outro país, gente capaz de levar a esse ponto a sua cumplicidade com os fautores da subversão africana. O que vale é haver, em contrapartida, e também um pouco por toda a parte, verdadeiros amigos de Portugal. Franco Sasso é um deles. =

### Sobre a revisão

#### constitucional

conclui o parecer da Câmara Corporativa, que refere ainda que os tempos e as circunstâncias requerem entretanto adaptações e aperfeiçoamentos, em ordem a que esses valores fundamentais, designadamente os da pessoa humana e da sua dignidade, sejam defendidos e realizados tão completamente quanto possível.

É este objectivo da proposta de lei apresentada pelo Governo, onde se verifica haver renovação — renovação na continuidade, como salienta, por fim e após serena e detalhada análise, o parecer da Câmara Corporativa agora vindo a lume.

Mário Gomes

Visado pela C. de Censura



RELOJARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1930

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão — Telef. 22526 — BRAGA

Telefone dos Serviços dos  
Bombeiros V. Amares 62162

# Barbosa & Pereira L.da A outra face de Cristo na Sua Igreja

Certifico, narrativamente, que, por escritura de 3 do mês corrente, lavrado de fl. 95 v.º a fl. 99 do livro de notas n.º 1659-C do 1.º Cartório da Secretaria Notarial de Braga, foi constituída entre Adelino Araújo Pereira, Francisco de Sousa Barbosa e Mário de Sousa Barbosa uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos das cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Barbosa & Pereira, L.da, e vai ter a sua sede no lugar de Lamoso, freguesia de Caldeas, concelho de Amares, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início no dia 1 do próximo mês de Março.

2.º

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, que já deu entrada na caixa social, é da importância de 100 000\$ e correspondente às seguintes quotas: do sócio Adelino Araújo Pereira, 50 000\$; do sócio Francisco de Sousa Barbosa, 25 000\$, e do sócio Mário de Sousa Barbosa, 25 000\$.

3.º

O seu objecto é a indústria de serração de madeiras e o comércio dos seus produtos, podendo a sociedade exercer qualquer outro ramo de comércio e indústria em que os sócios acordem e que não seja proibido por lei.

4.º

As cessões onerosas ou gratuitas de quotas a estranhos apenas são permitidas com consentimento da sociedade, dado por escrito.

5.º

A gerência, remunerada conforme deliberado pela assembleia geral dispensada de caução, incumbe aos sócios Adelino Araújo Pereira e Francisco de Sousa Barbosa, que deverão assinar conjuntamente para obrigar a sociedade.

§ 1.º Os actos e documentos de mero expediente poderão ser praticados ou assinados por qualquer dos gerentes.

§ 2.º Nenhum gerente poderá obrigar a sociedade em quaisquer negócios estranhos ao fim social, nomeadamente em letras de favor, fianças e abonações.

6.º

A sociedade poderá amortizar qualquer quota nos casos seguintes:

a) Insolvência ou falecimento do sócio titular;  
b) Assento, arrolamento ou penhora da quota a que não tenha sido deduzida oposição, ou esta tenha sido julgada improcedente;  
c) Venda ou adjudicação judiciais.

§ 1.º A amortização será realizada pelo valor da quota, determinado pelo último balanço aprovado, e o que assim for apurado será pago em prestações anuais de 3000\$, que não vencerão juros.

§ 2.º A amortização considera-se realizada, para todos os efeitos legais, logo que for efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, o depósito da primeira prestação da quota amortizada, à ordem de quem nisso tiver interesse, a quem deve ser feita pela sociedade comunicação por escrito desse facto.

8.º

Por morte ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os sucessores do sócio falecido ou com o representante do sócio interdito.

§ único. No caso de pluralidade de sucessores, deverão estes nomear um de entre eles que a todos represente na sociedade enquanto a quota se mantiver em regime de comunhão hereditária.

9.º

As assembleias gerais serão convocadas por qualquer dos gerentes por meio de cartas registadas enviadas para a residência dos sócios com a antecedência de oito dias, salvo quando a lei exija prazos e formalidades especiais de convocação.

10.º

No caso de dissolução da sociedade, o estabelecimento ou estabelecimentos sociais, com todo o seu activo e passivo, serão adjudicados ao sócio, ou grupo de sócios, que melhores condições de preço, forma e garantia de pagamento oferecer.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Braga, 7 de Fevereiro de 1970.  
— O Ajudante, José Carlos da Silva Reis.

«Continuação da 1.ª página»

belecer a justiça entre patrão e operários, entrou na escola para permitir o diálogo entre professor e alunos e baixou à aldeia para avivar a conversa franca e amiga entre pároco e paroquianos.

Se, como diz o ditado, do diálogo nasce a luz, cremos saber que o último quartel do séc XX nos trará novas máquinas de conviver no mundo.

O governante hoje não pode decretar à laia de Luís XVI — o Estado sou eu — mas, tornado pequenino na sua simplicidade cheia de amor, há-de descer e até junto dos governadores para auscultar os seus anseios, ouvir as suas queixas, fazendo-se delegado do povo para lhes dar a mais possível felicidade temporal.

O professor deve dialogar com o aluno, escutar os problemas, ouvir as suas razões, conhecer a sua psicologia, para formar nele um homem consciente, responsável, interessado na sua valorização pessoal para render ao serviço dos outros.

O pároco há-de descer até junto dos seus paroquianos, para dialogar com eles ao nível da sua cultura e dos seus anseios, para, no serviço humilde de Cristo estampado nos irmãos, dar-lhes o seu contributo na solução dos seus problemas morais e temporais, para lhes dar em Cristo sofredor, amigo, com quem eles possam viver em amizade de Irmão mais velho.

O nosso tempo não quer

o Deus comerciante, o das promessas, nem o Deus rejeito, que não visse a problema de cada homem, nem o Deus polícia e vingador, sempre pronto a castigar — olha que Deus castiga, dizia a vóvó...! — nem o Deus contabilista, que tem gravado num livro todo o mal que fazemos, nem o Deus — refúgio dos pobres e velhos, desiludidos da vida, nem o Deus milagreiro, a espalhar em toda a parte coisas mirabolantes, mas o Deus que fala, que vive, que procura seus filhos, que vive ressuscitado no meio de nós, Aquele que nos quer em vivência de Amizade, Aquele para quem possamos gritar do mais íntimo do do nosso ser — Amo-te, Senhor, ati e aos irmãos. Não foi sem razão que Cristo na última Ceia nos disse: — Amai-vos, como Eu amei. Este o único mandamento da Lei, o resumo dos Mandamentos. Nisto conhecerão que sois meus discípulos.

O Pároco, segundo penso, é, ao mesmo tempo, governante e professor. Mas esta palavra — padre — é sinónimo de pai, a ponto de em latim, francês e espanhol, ter os dois significados. E pai é aquele que se dá, que se imola, que se sacrifica, que se gasta ao bem do filho. Padre, pois, é ser governante e professor imbuído dos termos sentimentos de pai.

Por isso, terá de ouvir, conhecer as pessoas, dialogar ao nível dos seus problemas, como é próprio do gover-

nante; ensinar esclarecer, dar luz, rasgar caminhos, apontar metas, dissipar dúvidas, dizer toda a verdade, como é próprio do professor. Mas terá de proteger-se dum coração de pai, para não ferir, não molestar, não criar ressentimentos, a todos falando com a amizade de irmãos.

A autoridade é necessária, mas sem despotismo, sem tirania, sem vingança, mas aquela que é serviço dos outros, evitada de humildade e caridade. Temos de fazer guerra sem tréguas ao povo, quero e mando medieval, para fundados na humildade caridade, plantarmos no mundo o verdadeiro governante, professor e pároco.

Se o padre é orientador, Presidente das Assembleias cristãs, terá de ser pessoa desejada na sociedade, cuja convivência se processo a cujo sustento a comunidade deve prover.

Como o queríamos amanhã?

Para mim pessoalmente, gostava do padre simples moderno, sem atavios que faça dele uma carta rácica à margem da sociedade, mas um entre os demais, para nos ajudar a viver em amizade.

Caridade e humildade, virtudes dos grandes santos, apanágio do homem moderno, são a base do diálogo sincero e franco entre orientadores e orientados, pobres e ricos.

Resistamos, a Igreja — nós o povo de Deus — destas virtudes e teremos encontrado a Igreja que todos querem, a Igreja da Amizade, a verdadeira face da Igreja de Cristo.  
M. G. V.

## 5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

tram á sociedade que o são. Países novos, cheios de entusiasmo e de motivação patriótica, eivados do excelente mito da Democracia, permanentemente adeptos e veementemente aficcionados do sufrágio universal vamos encontrar-los meses após as suas eleições, portanto, os seus dirigentes portadores da vontade popular, envolvidos numa conspirata, num golpe de Estado, em qualquer coisa que revulcione a sua vida e torne o público bode expiatório da ambição do poder a que certos indivíduos se dedicam — até parece de alma e coração.

Convenço-me, porém, que tudo isto traz a marca indelevel do neo-capitalismo, uma nova concepção hipócrita dos que se vêm servindo destas manifestações aparentemente heroicas, para governarem o seu barco na senda prodigiosa do aumento do seu capital.

Nós, os portugueses, felizmente, ainda não chegamos lá e Deus queira que não cheguemos — não entenda assim, Leitor?

EME ABRIL

## PSEUDÓNIMOS...

«Continuado da 1.ª página»

os quais — mesmo que as ilhas de Cabo Verde continuassem a ser portuguesas — teriam à sua disposição o o labirinto do arquipélago dos Bijagoz na Guiné e a baía dos Tigres em Angola. Mas nem assim Portugal deixaria de ser «contestado» e atacado. Se mantivessemos as actuais instituições políticas, seríamos atacados como país «fascista»; se as liberalizássemos até o ponto de nos transformarmos numa democracia (de que Deus nos defenda...) mas sem deixarmos de ser membros da OTAN, continuaríamos a ser atacados como «lacaio dos norte-americanos»; e, mesmo se nos desligássemos da OTAN, nem assim desarmaria a sanha dos que nos atacam, enquanto Portugal se não tornasse numa República marxista e Lisboa num reducto de subversão internacional, à semelhança de Argel.

Porque a verdade é esta: quaisquer que seja os pseudónimos e quaisquer que sejam os teatros da acção (na Europa ou na África, nas

margens do Tejo, do Zaire, do Rovuma ou do Zambeze) o inimigo (preto ou branco, loiro ou moreno, de lábios grossos ou de lábios finos, com os olhos como os nossos de europeus ou com os olhos em amendoa) é sempre, invariavelmente, o mesmo, como é sempre a mesma, afinal, a batalha. Inimigo, aliás, que nem sequer o é propriamente de Portugal, porque o é de tudo quanto a civilização cristã ainda representa, apesar de todas as capitulações e de todos os desvios.

A nós, portugueses, coube-nos apenas a honra e o encargo de ocuparmos, na frente da batalha alguns postos de vanguarda. Por isso, o inimigo ataca pela rearguarda. Mas homem prevenido vale por dois — diz o povo. E nós, portugueses, sabemos quem nos move esta guerra — quem está por detrás de todos estes pseudónimos...

P. S. — É claro que a democracia a que me refiro é a que Portugal conheceu de 1910 a 1926, regime de partidos, demagógico e anárquico.